

## Grupo de clarinetas da UFSM: processos de ensino e aprendizagem

**Guilherme Sampaio Garbosa**  
Universidade Federal de Santa Maria  
[ggarbosa@gmail.com](mailto:ggarbosa@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo descrever os processos de ensino e aprendizagem vivenciados no grupo de clarinetas da Universidade Federal de Santa Maria. O grupo é formado por alunos do curso de bacharelado em clarineta e alunos da licenciatura em música que estudam clarineta como instrumento complementar. A metodologia de ensino envolve diferentes ações, abrangendo habilidades de execução musical, conhecimento musical, repertório e experiência criativa. São relatadas diversas ações desenvolvidas com o grupo, as quais integram os processos de ensino e aprendizagem no curso de clarineta da UFSM. Como implicações do trabalho, é possível destacar o desenvolvimento musical e técnico dos alunos, o interesse e a participação no grupo, o conhecimento de novos repertórios, a experiência de tocar em um grupo de instrumentos homogêneos, e a participação em recitais promovidos em diversos espaços.

**Palavras chave:** grupo de clarineta, ensino coletivo, bacharelado, licenciatura.

### Introdução

O grupo de clarinetas do Curso de Música da Universidade Federal de Santa Maria é formado por alunos do curso de bacharelado no instrumento e também por alunos da licenciatura que estudam clarineta como instrumento complementar. O grupo existe desde a minha entrada como professor na universidade, em 1995. Desde então, o trabalho com o grupo vem sendo desenvolvido, partindo de iniciativa pessoal, tendo como base minha experiência em *clarinet choir* de universidades da Europa e dos Estados Unidos.

Ao verificar os documentos do curso, é possível observar que na matriz curricular do curso de bacharelado em clarineta o aluno deverá cursar uma aula individual e uma aula coletiva por semana referente ao instrumento. No caso dos alunos da licenciatura que optam por estudar clarineta, esses deverão cursar uma aula individual por semana, sendo convidados a participarem do grupo de clarinetas.

Nas aulas individuais dos alunos do bacharelado são enfocados aspectos técnicos do instrumento, envolvendo aquecimento, escalas e articulações, além de

exercícios técnicos. Segundo Garbosa (2010) é adotado uma sequência de métodos, visando o desenvolvimento técnico gradual através de estudos de Baermann (1981), Rose (1963, 1973), Cavalini (1945) e Uhl (1940). Na parte de repertório bacharelado são trabalhadas peças solo e com acompanhamento, de compositores brasileiros e estrangeiros, percorrendo desde o período clássico até o século XXI.

Nas aulas individuais de clarineta dos alunos da licenciatura, integram o material didático utilizado o método para clarineta da Editora *Rubank Educational Library* (1994), incluindo os volumes da série: Básico, Intermediário e Avançado, assim como os volumes de Duetos e Estudos Suplementares.

No âmbito das aulas coletivas, o repertório para grupo de clarinetas é selecionado de acordo com a demanda de instrumentistas, o nível de desenvolvimento musical dos estudantes, a qualidade das obras e dos arranjos, a amplitude e o contraste do repertório, envolvendo diversos estilos musicais, e os contextos das apresentações.

Nesta perspectiva, são desenvolvidas diversas ações voltadas ao desenvolvimento musical dos acadêmicos, as quais incluem habilidades de execução, o conhecimento musical e a experiência criativa (GUMM, 2003). Habilidades técnicas do instrumento, afinação em grupo, equilíbrio de timbre, conhecimento musical através do repertório trabalhado, criatividade na interpretação e improvisação, socialização do grupo, referências internas como modelos para uma melhor execução, são elementos que vão se articulando, se somando, e contribuindo para a formação integral dos acadêmicos.

Em relação à experiência da aprendizagem coletiva instrumental, ressaltamos o valor desta abordagem para o instrumentista, de forma que esta metodologia vem sendo utilizada por professores em diferentes espaços. Segundo Hallan (1988, p. 253), dentre as vantagens do ensino instrumental em grupo está o fato de que esta modalidade se constitui em uma oportunidade para que um maior número de estudantes aprendam a tocar um instrumento. Reafirmamos que o trabalho coletivo estimula sobremaneira o instrumentista, uma vez que cada instrumentista aprende com os colegas, em um processo de aprendizagem marcada por uma via de mão dupla.

## Aprendendo e tocando em grupo

No curso de bacharelado em clarineta da UFSM, a matriz curricular contempla a oferta da disciplina de instrumento por oito semestres, com carga horária de três horas semanais, divididas em uma hora individual e duas horas coletivas. Segundo Garbosa (2010), na aula individual a ênfase está no desenvolvimento musical e técnico do aluno e nas aulas coletivas há um trabalho com grupo de clarinetas com um repertório envolvendo duos a quintetos para o instrumento.

O grupo de clarinetas funciona como um laboratório de prática coletiva, a partir do qual são implementadas diversas ações visando à independência e à experiência criativa dos alunos (GUMM, 2003). Nas práticas de laboratório há um estímulo aos alunos para que opinem, expondo suas ideias sobre a performance do repertório, instigando-se a reflexão e ao debate entre os acadêmicos. Segundo Gumm (2003, p. 91), devemos estimular o aluno a “pensar, sentir e agir por eles mesmos e criar novos conhecimentos por eles próprios.”

A abordagem nas aulas do grupo é baseada em três princípios: expectativa, orientação e motivação dos alunos (HARRIS, 1999, p. 124). Orientar o aluno de modo que se crie uma expectativa, motivando-o a conhecer novos repertórios, tocar em conjunto socializando com os colegas e o preparo para as apresentações tem sido uma das marcas do trabalho, direcionando o conjunto de ações.

No que tange aos encontros, o grupo se reúne semanalmente por duas horas, na sala de clarineta do curso de música da instituição, onde são realizados os ensaios. A escolha de repertório é feita considerando vários fatores, mas sempre em comum acordo com os alunos. Neste sentido, há uma prioridade na escolha de obras contrastantes e com estilos diversificados, passando-se pelos cânones clássicos em forma de arranjos para grupo de clarinetas, além de obras originais para este tipo de formação instrumental. Peças de compositores de diversas épocas da história da música, com arranjos elaborados para grupo de clarinetas, além de música brasileira, tango, klezmer, e jazz, também integram o repertório.

Uma vez escolhido o conjunto de obras a serem executadas, inicia-se o trabalho de leitura das músicas, primeiramente com a execução de todas, por inteiro, para que os estudantes tenham noções básicas do conjunto de peças, da estrutura das

obras, do tipo de arranjo e da diversidade das vozes, da tessitura, dos dedilhados e das dificuldades técnicas a serem resolvidas.

Segundo Westphall (1990), a leitura à primeira vista é um ponto essencial no aprimoramento técnico do instrumentista e esta habilidade é desenvolvida na medida em que novas obras vão se incorporando ao repertório do grupo. O próximo passo envolve o trabalho de afinação em grupo e equilíbrio de timbre dos instrumentos homogêneos, neste caso clarinetas. Pelo fato do grupo ter um instrumentista que faz a parte da clarineta baixo, geralmente a quarta ou quinta voz, a sonoridade do grupo ganha outra dimensão. Neste sentido, o fio condutor básico do trabalho passa a ser o equilíbrio timbrístico e a afinação do conjunto. Tais aspectos ganham relevância para o clarinetista na medida em que esse aprende a ouvir o próprio instrumento executado pelo colega, equilibrando a sonoridade, a dinâmica, e prestando atenção à afinação.

A decisão de andamentos é coletiva, envolvendo alguns elementos como a sugestão do compositor, o entendimento musical dos clarinetistas, a demanda técnica das obras e as reais possibilidades dos estudantes. Os andamentos realizados são então estabelecidos de acordo com a concepção estilística das obras e com a proposta do compositor.

As sugestões de dedilhados são sempre consideradas, na medida em que certas passagens exigem maiores habilidades técnicas do clarinetista. As possibilidades de dedilhados alternativos, que facilitem a execução das obras, e as demandas de afinação são analisadas pelo grupo.

Quanto às obras estudadas, as concepções estilísticas são abordadas de acordo com a época e proposta do compositor. Um olhar crítico envolvendo os componentes básicos como melodia, harmonia, ritmo, timbre, forma, textura e “a maneira particular como esses componentes são tratados, equilibrados e combinados” (BENNETT, 2007 p. 11) subsidiam a proposta de interpretação do grupo.

Somado à estas questões, o trabalho com improvisação, como tipo de criação musical, é fruto da execução de obras que exigem tal habilidade dos instrumentistas. Como exemplo, no programa do grupo há sempre composições ao estilo klezmer, música da tradição judaica, na qual a improvisação é inerente ao repertório. Deste modo, a liberdade de criação é estimulada e compartilhada entre os executantes. A criação a partir de temas judaicos, a testagem de sonoridades da clarineta, a

produção de efeitos especiais no instrumento, bem como a improvisação em diálogo com os colegas - duplas, são algumas das atividades no âmbito da improvisação.

Em face do trabalho relatado, o aprimoramento técnico e musical dos acadêmicos de clarineta da UFSM vai se construindo na medida em que todos os elementos vão se articulando e se conectando, possibilitando uma interface entre a teoria e a prática e resultando em um crescimento musical do grupo e de todos os participantes. Neste sentido, o grupo de clarinetas como laboratório de práticas coletivas vem se somando às aulas individuais na formação técnica e musical dos alunos de clarineta.

Há sempre um incentivo ao diálogo e troca de ideias entre os membros do grupo, permitindo a inserção de sugestões de interpretação assim como o intercâmbio de conhecimentos entre os mais experientes e os novatos. É importante assinalar ainda que por determinados períodos, ou na ausência do professor orientador, os alunos mais adiantados assumem a coordenação do ensaio, interagindo com os colegas e buscando soluções para os problemas que surgem. Tal dinâmica é nomeada “monitoria voluntária”, possibilitando reflexões e aprimoramento das concepções musicais dos clarinetistas.

Uma vez o repertório ensaiado e preparado para as apresentações, começamos o agendamento de concertos do grupo em diferentes contextos. As apresentações ocorrem em espaços diversos, envolvendo escolas públicas, projetos sociais com música, livrarias, shoppings, universidades, dentre outros. Estas experiências múltiplas, em diferentes locais e para público distintos, tem proporcionado um amadurecimento musical do grupo, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo.

Tocando no grupo, podemos desenvolver uma maior noção de afinação e de empatia para tocar em grupo; enquanto o fato de tocar com mais instrumentos iguais ou da mesma família, permite a troca de experiências entre os próprios alunos e um maior entendimento sobre a escrita idiomática de nosso instrumento; isso sem contar o conhecimento de cenários acústicos que adquirimos, levando em consideração a diversidade de locais nos quais tocamos. (Kleiton<sup>1</sup>, 2016)

Por outro lado, o impacto social das apresentações se reflete em vários sentidos, incluindo as manifestações positivas do público presente nas performances do grupo, nos convites que se sucedem na multiplicidade de lugares onde o grupo de

---

<sup>1</sup> Integrante do grupo de clarinetas de 2016.

apresenta. Além disso, as repercussões envolvem a possibilidade de ofertar um repertório desconhecido, contribuindo com processos de apreciação musical, para a divulgação desta formação instrumental e suas inúmeras possibilidades, bem como para a formação de plateias.

## **Considerações finais**

O trabalho com o grupo de clarinetas da Universidade Federal de Santa Maria vem se consolidando e ampliando sua atuação, tanto no âmbito do bacharelado quanto da licenciatura. O grupo agrega também acadêmicos da licenciatura em música que estudam clarineta como instrumento complementar, oportunizando a experiência de um trabalho coletivo e estabelecendo outras referências para estes alunos, sobretudo, em relação ao repertório e à exigência de execução em um grupo de instrumentos homogêneos.

O fato de mesclar alunos mais adiantados com estudantes novatos tem proporcionado um intercâmbio acadêmico promissor, pois o aluno com menos tempo no instrumento aprende com os colegas mais adiantados e vice-versa.

O repertório do grupo é estimulante para os alunos, pois transita por diversos gêneros e estilos musicais, possibilitando a ampliação do conhecimento da literatura para esta formação instrumental. A inclusão da clarineta baixo também proporciona uma outra referência de timbre ao grupo, mesclando sonoridades graves com sons mais agudos das clarinetas.

Salienta-se que a inclusão de alunos da licenciatura que estudam clarineta como instrumento complementar tem sido relevante para o trabalho do grupo. Todos saem ganhando, tanto os alunos do bacharelado quanto os da licenciatura. O estímulo que os acadêmicos da licenciatura encontram no grupo e o desafio de vencer tecnicamente e musicalmente o repertório os fazem crescerem de forma ampla. É notável o desenvolvimento de todos os integrantes a cada semestre, o que se reflete nas aulas individuais e no desenvolvimento integral dos acadêmicos instrumentistas.

Os concertos realizados em múltiplos espaços têm levado o grupo a se adaptar a diferentes acústicas e públicos, aprimorando a performance do grupo como um todo. As apresentações de caráter didático tem possibilitado o oferecimento de um repertório eclético para distintos contextos, contribuindo com a apreciação musical

de um público, muitas vezes não habituado a frequentar teatros ou salas de concertos.

Como perspectivas futuras para o grupo de clarinetas da Universidade Federal de Santa Maria, temos a intenção de expandir os contextos de ação, de forma a levar o trabalho para outras cidades do Rio Grande do Sul. Neste sentido, estabelecemos como meta a realização de apresentações em outros campi da UFSM, bem como em igrejas da cidade e da região, promoção de concertos-oficinas em núcleos de bandas espalhadas pelo estado, consolidando e aprimorando cada vez mais este trabalho de formação de instrumentistas e de educação musical.

## **Bibliografia**

BAERMANN, Carl. Tagliche Studien. Hofheim am Taunus: Musikverlag Friedrich Hofmeister, 1981.

BENNETT, Roy. Uma Breve História da Música: Cadernos de música da Universidade de Cambridge. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2007.

CAVALLINI, Ernesto. 30 Capricci. Milano: G. Ricordi Editori, 1945.

GARBOSA, Guilherme Sampaio. O ensino de clarineta no curso de bacharelado em música da XXXX. In: Anais da Associação Brasileira de Educação Musical, 2010.

GUMM, Alan. Musica Teaching Style: Moving Beyond Tradition. Galesville, MD: Meredith Music Publications, 2003.

HALLAM, Susan. Instrumental Teaching: a Practical Guide to Better Teaching and Learning. Oxford: Heinemann, 1988.

HARRIS, Paul. Teaching the clarinet. In: Lawson, Colin (ED). The Cambridge Companion to the Clarinet. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1999 p. 123-133.

HOVEY, N. W. Elementary, Intermediate e Advanced Methods. Edição renovada. Chicago: Rubank Educational Library, 1994.

ROSE, C. 32 Studies for clarinet. New York: International Music Company, 1973.

ROSE, C. 40 Studies for clarinet. New York: International Music Company, 1963.

UHL, Alfred. 48 Etuden fur Klarinette. Mainz: B. Schott`s Sohne, 1940.

WESTPHALL, Frederick W. Guide to Teach Woodwinds. Boston: McGraw Hill, 1990.

